Jornal defensor dos interêsses de Guimarães e o de maior tiragem e expansão no Concelho

Notícias de Guimarães

15.º N.º 744 ... de Maio de 1946

Red. e Adm., R. da Raínha, 56-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranense. Tel. 4177
Visado pela Censura.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Boas maneiras

Bernard Shaw diria talvez que são a ondulação permanente da delicadeza ou qualquer outra frase do mesmo teor.

Apesar de tudo, ainda existem. Não tanto como na era dos punhos de renda, quando, estando face a face os batalhões inglês e francês, se travou o conhecido diálogo entre os marechais:

Disse um:

— Estamos prontos. Pode disparar.

E replicou o outro:

— Oh! não... por quem é... Queira disparar primeiro!

Mas recentemente, na guerra de Espanha, na noite de Natal, passaram-se perus de umas trincheiras para outras e hoje o tribunal de Nuremberg, embora movido pela Justiça, é uma inesperada escola de cortesia.

Para enterrar a S. D. N. alguns dos sobreviventes deram uma passeata até Genebra onde proferiram tristes palavras envoltas em boas maneiras. E se é certo que, na O. N. U., aquilo às vezes parece uma local onde estão falando, ao mesmo tempo, cem postos emissores diferentes, a verdade é que tudo há-de chegar a um definitivo acordo e acabar em bem — como nos alegres filmes americanos.

As regras de etiqueta que hoje vigoram, não são tanto as que vêm nos manuais da especialidade, mas sim as que brotam do coração, daquilo a que se chama elegância moral. Ninguém pensa em reparar que é feio cortar o pão com a faca — o que é preciso é ter só metade de um pão na mesa para que distante boca faminta tenha a outra metade. *Auto-limitar-se* é a palavra em curso. Dar não só o supérfluo mas também um bocadinho do necessário — é a política do momento. Civilidade e civismo.

Mas voltemos às boas maneiras. Há quem diga não existirem já entre gente moça. Não é verdade. E' que a "maneira" é outra. Desde o momento em que trabalham, mesmo tantas raparigas que não precisam, estando ao lado dos rapazes no laboratório, em face do Deve e Haver, na loja, no fragor dos maquinismos, evidentemente que eles não vão recitar-lhes versos de Musset nem descer-lhes o estribo do coche. Mas isto não quer dizer que, intrìnsecamente, sejam diferentes, ao falar-lhes acerca do balancete, ensinando como se faz um mostruário de botões, pedindo apontamentos da aula de química ou querendo saber se o cliente de Liverpool já respondeu. As boas maneiras persistem, apenas se tornaram mais simples e naturais — sem franjas. O próprio «diálogo swing» tem graça e calão nem sempre significa deselegância, é mesmo a poeira do riso — esse riso que é tão necessário à vida como a respiração.

O bom gosto também pode ser considerado como cortesia — principalmente quando se propaga.

E também o *self control* e certos hábitos ancestrais a que o inglês-cavalheiro ainda obedece vestindo-se a rigor para jantar com a família,

Quando há uma seca enorme, organizam-se procissões e a água vem, mostrando quanto é atenciosa. A água é fugidia, escorrega por entre os dedos, divide-se em gotas, volatiliza-se em vapor. Mas existe. Assim é a delicadeza: quando há raça nunca deixa de ser a talagarça em que se vai bordando a vida. Lá está, mesmo na adversidade, mesmo na ira. Nesta, o que mais grita é o que perde. Dizia um filósofo: «quando não tiveres outro remédio senão discutir, nunca te exasperes, põe as palavras no gelo».

Há quem se mantenha delicado, manuseando embora um estilete: as alusões. A forma de destruír tal atitude é fingir incompreensão: a pessoa tem, por força, que se explicar — e enterra-se. Um desdenhoso sorriso basta, então, para a pôr K. O.

Acho que é de Stendhal esta frase: "a felicidade conjugal consiste na ausência dos pequenos vexames diários". Entre marido e mulher nunca deveria haver questões, porque se diz sempre mais do que seria para desejar. No entanto, o mau humor permanente azeda e torna a vida insuportável; mais vale uma tempestade a valer uma vez por ano do que chuva miudinha nos 365 dias.

Por que motivo é tão apreciada a vida da sociedade? Porque mantém a etiqueta. Nem de outra forma nos poderíamos talvez suportar uns aos outros, quando não há amor, amizade ou interesse. A etiqueta é o fio doirado que vem desde a hospitalidade hebraica e do salamaleque árabe e vai até ao *week-end* tão agradável quando a casa está cheia de gente.

E também no sentido figurado ela existe: é o estilo da prosa, o ritmo da poesia, a classe da arte, a elevação do discurso, a coordenação da orquestra, o laço de prata da conversação, o chapéu de dois bicos da diplomacia, a gravata da política.

Claro que as boas maneiras não foram sempre o que são hoje. Em tempos que já lá vão, era uso cuspir onde calhava, limpar os dedos às plantas dos pés, matar escravos, vender mulheres, assar o corpo dos mortos, pisando-o no almofariz e comendo a papa obtida para lhe absorver a sapiência, etc.

Montaigne escreveu uma grande verdade quando declarou que o saber-viver consistia em a pessoa se manter delicada, inclinando-se para o lado onde houver mais honestidade e justiça.

E' este o preceito que o mundo vai seguindo no doloroso momento que vivemos.

A campanha que tudo supera hoje, consistindo em dar de comer a quem tem fome, é produto do coração que se condoi com o sofrimento do próximo, sim, mas é também uma luminosa forma de civilidade.

E de defesa, conforme afirmou Mr. Herbert Lehman, o demissionário director geral da U. N. R. A.: "a fome e não a paz constitue a preocupação máxima das nações, porque é impossível cimentar a paz do mundo sobre o túmulo de milhões de seres humanos mortos de inanição».

Nós, portugueses, que sempre fomos cavalheirescos e sempre tivemos o coração nas mãos, ponhamos, mais uma vez, em prática as nossas boas maneiras e a nossa bondade: no primeiro caso, auto-limitando-nos e no segundo, auxiliando.

E teremos contribuído assim não só para a estabilidade da paz como também para a guerra deste momento — a terrível guerra do pão.

Aurora Jardim.

Socorro Social

A Comissão Concelhia do Sscorro Social já recebeu, na Câmara Municipal, os donativos que a seguir mencionamos e se destinam exclusivamente ao nosso Concelho.

A referida Comissão do Socorro Social continuará a receber, na Câmara Municipal, os donativos que as pessoas a quem foram dirigidas circulares pretendam entregar para o fim em vista.

Da Comissão dum baile a que presidiu a Sr.ª D. Maria da Conceição Lobo Machado	150$00
Da Comissão do baile do Carnaval, realizado no Salão dos B. Voluntários	200$00
Juíz Conselheiro Dr. Raúl Alves da Cunha . . .	50$00
Adriano de Castro . . .	50$00
António Leite	20$00
Arlindo Victor da Silva Moreira	50$00
Celestino de Oliveira Lobo	100$00
Joaquim de Sousa Pinto (Sobrinho)	20$00
António José Branco . .	30$00
José Mendes Ribeiro Júnior	300$00
António Pinto Leite . .	200$00
Camilo da Silva . . .	20$00
Abel de Oliveira Bastos & Irmão	50$00
Alvaro de Oliveira Leite .	150$00
Comendador Alberto Pimenta Machado . . .	10.000$00
José da Costa Carneiro .	50$00
José da Cunha	20$00
Soma . . .	11.460$00

Chefe do Distrito

Na última quarta-feira, deslocou-se a esta cidade o Chefe do Distrito, a fim de conferenciar com a Comissão Municipal de Assistência deste concelho sobre assuntos referentes ao problema assistencial.

S. Ex.ª, que foi recebido pela citada Comissão na Sala do Despacho da Santa Casa da Misericórdia, ali se demorou cerca de duas horas, tempo durante o qual foram trocadas várias impressões no sentido de se melhorar, tanto quanto possível, a Assistência neste concelho, tendo merecido especial atenção a criação de uma Creche-Lactário e de um Posto de Puericultura, para o que brevemente serão iniciados os respectivos trabalhos preleminares.

Segundo as informações que procurámos colher, também foi tomada em consideração a necessidade de ser criada uma maternidade, abrindo-se, assim, horizontes novos no campo da Assistência concelhia.

O Chefe do Distrito, que aplaudiu a iniciativa do que se pretende conseguir, colocou-se incondicionalmente ao dispor da C. M. A. para esse efeito, assim como para qualquer outro que respeite ao problema da Assistência. Oxalá que todos os esforços se conjuguem no sentido de ir por diante a iniciativa em perspectiva, digna, de facto, dos mais justos aplausos e, bem assim, de toda a possível colaboração com a Comissão Municipal de Assistência.

Por nossa parte, são esses os votos que fazemos.

O nosso Lar

Prendi-te a mim, falei-te com ternura
Mais do que falaria a minha Mãe
Se eu a tivesse ainda e por ventura
A meu lado a sentisse assim também.

Trouxe, porém, do berço, a névoa escura
De não ter conhecido aquele Bem
Que apagaria em mim toda a amargura
De ser órfão, sem mimos de ninguém.

Até que te encontrei, meu grande Amor,
Encanto que sonhei em cada verso,
Bendita redenção de tanta dor.

E juntos construimos nosso lar,
Com tanto sol e em tanta luz imerso...
Que Deus do Céu podia lá morar.

ELÍSIO DE VASCONCELOS.

ABANDONADAS

Fazem-me pena aquelas laranjeiras,
outrora tão felizes no seu posto,
fulgindo, exuberantes, prazenteiras,
ao sol de inverno e ao luar de Agosto!

Agora, ao abandono, mais parecem
desoladas, nostálgicas, proscritas.
Enquanto as pobrezinhas desfalecem,
à sua sombra medram parasitas!

Passou a morte perto, um certo outono,
passou a morte, um certo dia amaro...
Desde que a ladra lhes levou o dono
vão morrendo também ao desamparo.

Tudo lhes falta; o alimento, o arrimo,
resguardos, assistência vigilante,
o vigoroso enxerto, o afago, o mimo,
as regas pelo estio sufocante...

Vegetam para ali nem sabem como.
De sumo e de sabor pouco lhes resta.
Se uma incauta criança prova um gomo
rejeita-o logo a protestar: — Não presta!

Não prestam!... E a folhagem inda luz,
a flor é neve, o pomo é oiro quente!
Isso, porém, mais lhes aumenta a cruz,
de nada serve, desgraçadamente.

Além de belas querem ser bondosas,
pois sem bondade só degrada, a vida
— mas a bondade, como o pão e as rosas,
tem de ser cultivada e protegida!

Suas laranjas de ruim travor
são os ácidos frutos da amargura.
Quem apenas recebe desamor
não pode dar carinhos e doçura...

LUDOVINA FRIAS DE MATOS.

FARPAS

Chegou agora o momento
Para ti, rico avarento,
Que julgas que nos enganas!...
Podes reparar teu mal
No **Socorro Social**
E **Festas Gualterianas.**

Recebeste a Circular
Do primeiro, a implorar
Protecção aos pobrezinhos.
Qual a tua resolução?
Tiveste ou não compaixão
Dos cegos e aleijadinhos?

Já quiseste compreender
O bem que pode fazer
Esta simpática OBRA
A tantos e tantos lares
Se tu a auxiliares
Oferecendo o que te sobra?

*

Agora diz a verdade...
Tens as **Festas da Cidade**
A três meses de distância.
Apareceu-te a Comissão...
Cumpriste a obrigação
Dando avultada importância?

Tu que sempre apregoas
Que as **Festas** devem ser boas
E não umas simples **Feiras**,
Foste, agora, generoso
E não ficaste *raivoso*
Ao abrires as *algibeiras*?

E' o que vou perguntar
A quem te foi visitar
Com bairrismo demonstrado...
E se assim não sucedeu
Desde já prometo eu
Que vais ser bem *farpeado.*

Darmoa.

CASA DOS POBRES

Sobre a notícia que demos no último número do nosso Jornal, respeitante à supressão do prato de comida na Cozinha Económica da Casa dos Pobres, acabamos de ser informados de que a digna Direcção daquela Casa de Caridade, depois de efectuar várias diligências no sentido de procurar evitar a referida supressão, conseguiu que a deliberação tomada ficasse sem efeito para já, satisfazendo-se, assim, pelo menos no presente, os desejos dos interessados.

Congratulamo-nos com mais este acto de devotado interesse pelos benefícios prestados a quem deles necessita e oxalá os mesmos continuem a ser mantidos.

A propósito da Casa dos Pobres, soubemos que foi ali comemorado o dia primeiro de Maio, quer entre os operários, quer entre os pobres, acto a que assistiu o Sr. Presidente da Câmara e outros membros da Direcção, entre os quais o Sr. José Torcato Ribeiro Júnior, que é também um benfeitor da Instituição, para a qual contribue com uma importante cota mensal como subscritor e, além disso, lhe oferece valiosos donativos no decorrer de cada ano, executa à sua custa alguns melhoramentos, etc., etc., o que, aliás, não nos surpreende, atendendo a que esses e muitos outros seus actos de caridade são próprios da generosidade do seu coração e da grandeza da sua alma. As suas acções de benemerência, que pratica em larga escala, são, pois, o reflexo da sua bondade e do seu sentimento humano e cristão.

Ainda acerca do que se passou no dia um na Casa dos Pobres, soubemos que o mesmo Sr. José Torcato Ribeiro distribuiu doces e vinho aos operários que frequentam a Cozinha Económica e aos pobres, o que deu motivo a manifestações de simpatia e de gratidão no meio de um ambiente de verdadeira satisfação e alegria.

Bem haja quem assim procede.

Para Passeio, Campo e Praia prefira o calçado da SAPATARIA LUSO.

FERNANDO PESSA

De visita ao seu e nosso prezado amigo Sr. Alberto Pimenta Machado Júnior, esteve em Guimarães, no penúltimo sábado, demorando-se algumas horas entre nós, o famoso locutor da B. B. C., Sr. Fernando Pessa, que tantas simpatias conta no meio vimaranense.

Na companhia daquele seu amigo e ainda de outras pessoas, Fernando Pessa visitou a nossa Terra, retirando muito bem impressionado.

CRUZ VERMELHA

Segundo informações que recebemos, ficou adiado para data a designar oportunamente o sorteio a favor da Cruz Vermelha Portuguesa, que estava marcado para 5 de Maio.

O Ciclo de Conferências

da Associação Artística Vimaranense

Conforme noticiámos no nosso último número, a actual Direcção da *Assoc. Artística Vimaranense* deliberou promover um ciclo de conferências culturais, durante o corrente mês e primeiros domingos de Junho, para propaganda da higiene, profilaxia e educação.

Além dos nomes dos abalisados clínicos vimaranenses, senhores Drs. Isaías Vieira de Castro, e João da Mota Prego Faria, que já anuíram ao convite que lhes foi endereçado pelo Presidente da Direcção, Sr. Luís Filipe Coelho, podemo acrescentar, hoje, o do ilustre Lente da Faculdade de Medicina do Porto e actual Presidente da Câmara Municipal daquela Cidade, senhor Dr. Luís de Pina, que, muito gentilmente, comunicou a sua adesão a este ciclo de conferências.

Espera, ainda, a Direcção da velha colectividade mutualista a colaboração dos senhores Drs. José Maria de Castro Ferreira, Presidente da Comissão Concelhia de Assistência, e João de Espregueira Mendes, Director do Posto de Puericultura do Porto.

E', na verdade, um acontecimento de relêvo que muito honra a prestante *Associação Artística* e sente-se que à sua volta se gera um ambiente de remarcado interêsse pela acção beneficente que vem desenvolvendo.

Na primeira sessão, na galeria dos sócios benfeitores, será descerrado o retrato do senhor Comendador Alberto Pimenta Machado, que, já em dois anos consecutivos, vem contribuíndo para o Bodo das Viúvas, na data comemorativa do aniversário da fundação da *Artística*, fazendo o seu elogio o Presidente da Direcção.

Todas as conferências serão abrilhantadas com a colaboração de um grupo musical, dirigido pelo Snr. Rodrigo Guise, e composto por dedicados amigos da colectividade.

Instantâneos...

QUEM É?...

Com sua modéstia,
ninguém lhe vê réstia
do real valor.
— A coisas antigas
dedica as fadigas
dum belo labor.

Traz-nos do passado,
sempre com agrado,
casos curiosos.
Em seu caboucar
há o porfiar
dos estudiosos.

— Tem muita amizade
à ***Sociedade...***

*

De novo a Cidade
vai levar a efeito
as ***Festas*** *queridas.*
— Com tenaz vontade
lhe meteram peito
almas decididas.

Sempre em luta acesa,
jamais arrefece
entusiasmo seu,
temos a certeza!
— Ou lá não 'stivesse
O Rodrigo Abreu.

*

Maio a começar,
e o frio a apertar
a gente e a terra.
— Que o sol redentor
traga seu calor
aos males da Guerra.

Que na terra inteira
medre a sementeira,
a fartura assome,
pra banir do Mundo
esse mal profundo
que se chama — Fome!

Dominó.

Para Verão: Socas, Sandaletes, Sapatos de meio salto. Todos os tipos e para todos os preços. SAPATARIA LUSO. 104

CONTRASTES!...

Telhados de vidro

Há uma *sentença* popular que afirma o seguinte: «*Quem tem telhado de vidro não deve apedrejar o do vizinho*». Por outras palavras, poderemos dizer que a falta de autoridade moral não dá a ninguém o direito de apreciar, injusta e parcialmente, quem quer que seja. Mas, como também diz uma outra *sentença* do género da primeira, «*há quem veja um simples argueiro nos olhos dos outros e não veja uma* tranca *nos seus*».

Em resumo, chega-se à conclusão de que as pessoas que têm mais *telhados de vidro* e mais *trancas* nos olhos são exactamente as que mais abusam da calúnia, da intriga, da mentira, da insinuação, etc., etc., quando pretendem atingir pessoas de bem e, portanto, de qualidades muito superiores às daquelas que desempenham o ridículo e asqueroso papel de detractores, a fim de conseguirem os seus fins sem olharem aos meios ou processos empregados. E se há quem assim proceda por ignorância, isto é, por não ter a noção precisa da verdadeira responsabilidade dos actos que pratica, ou das afirmações públicas que faz, há, pelo contrário, quem assim proceda apenas com a intenção de transformar em vítimas certas pessoas que são crèdoras da consideração e da estima de quem lhes sabe fazer a devida e merecida justiça. Ora, são essas — as que procuram urdir a teia da calúnia e da intriga com objectivos reservados — as mais perigosas e as mais insensíveis aos efeitos do seu ódio e do seu veneno, porque nem o peso dos remorsos nem o sentimento do coração conseguem impedir a sua marcha desvairada no caminho da perfídia! Quem faz estas considerações tem conhecimento de factos nos quais as mesmas se fundamentam e sobre eles se fará oportunamente a verdadeira luz. Então se saberá o resto, quer perante a justiça dos homens, quer perante a de Deus.

No entanto, é de lamentar que enquanto os Homens de boa fé procuram *endireitar* o mundo, dentro de um critério de mais justiça para o direito que cada ser humano tem à vida, e torná-lo menos *odiento* e menos venenoso, outros, pelo contrário, remem em sentido oposto, embora a sua voz não chegue ao Céu. E o que vale, porém, é que acima da sua perversidade Poder mais alto se levanta.

A tempo e horas

A Comissão das **Festas da Cidade** e juntamente a da **Marcha Gualteriana** já iniciaram a fatigante *cruzada* da da subscrição no sentido de conseguirem dos Vimaranenses o necessário concurso monetário para que as referidas Festas se realizem no corrente ano com extraordinária imponência. Assim acontecerá, porque o contrário seria colocar em lugar secundário o seu tradicional bairrismo, como Filhos de Guimarães, aquilo que nunca renegaram porque sempre se têm mantido fieis a essa dignificadora qualidade. Ainda há dias a Imprensa de Braga lhes fazia essa justiça, exactamente a propósito das Festas da Cidade.

Por isso, mais uma vez é de esperar que as Comissões acima citadas encontrem o melhor acolhimento por parte das pessoas às quais se dirigirem, tanto mais que se torna necessário estimular quem tão dedicada e desinteressadamente chamou a si, mais uma vez, a espinhosa tarefa de promover a realização das Festas, subsidiadas pela Câmara Municipal com uma importância bastante superior à do ano findo, atendendo a que as despesas serão também sensìvelmente superiores em virtude de se pensar num programa mais variado e mais atraente.

E como não há pão sem massa nem massa sem farinha, da mesma forma não pode haver Festas dignas desse nome e da categoria da terra sem a respectiva receita para esse efeito.

E até que nos provem o contrário, é esta a nossa opinião.

X.

No meu Cantinho

Naquele domingo, 14 de Abril, em que, pela segunda vez, fui alimentar as saudades de Guimarães, nesse mesmo dia publicava o *Diário do Minho*, em duas colunas, o formoso poema *Relíquia Maravilhosa* da brilhante escritora Maria Salomé.

Um pequeno poema em corrente prosa. O *Eurico* também é poema em prosa magnificente.

Três vezes me encantei com a beleza do poemazinho e com a expressão do fundo sentimento que nele transcorria.

Um grande coração em pena fúlgida!

* * *

Em dezoito páginas de impressão e de brancura, chegou às minhas mãos o Relatório da Caixa de Abono de Família do Pessoal das Indústrias Têxtis do nosso Distrito.

A síntese e a clareza conjugam-se ali em plena harmonia.

Se assim fosse possível um Guia Ortográfico!

* * *

Colecção *Gládio*.

Zacarias Garcia Villada.

Conceito, Evolução e Filosofia da História.

Nas suculentas e fortes setenta páginas entram as seis da Introdução, de Rodrigues Cavalheiro.

Um livrinho bem pensado.

Com revisão modelar.

Que riqueza de livrinho!

* * *

Constantino Coelho prende-me a valer. Quase sempre.

Em 25 do p. p. apreciei gostosamente, no *Diário do Minho*, as suas considerações bem altas sobre a discutida Sociedade das Nações e suas anexas entidades.

Coluna e meia com pensar valioso.

G.

PARA SEMPRE... é e será a casa do XAVIER a especializada em meias. 125

Rosas e Espinhos!

Querida amiga:

Como é do teu conhecimento, pertenço ao número das pessoas que não faltam ao que prometem nem se esquecem do que lhes é prometido, qualidades que muitas outras não possuem, porque não cumprem as suas promessas e na mesma ordem de ideias não prestam a devida atenção às de outrem. Quer uma, quer outra circunstância constituem um defeito, visto ambas estarem em desacordo com os preceitos dos deveres de cada um. E assim, querida amiga M. E., eu posso justificar a minha exigência perante o integral cumprimento do que prometo, assim como do que me é prometido. Prometer sem a intenção de cumprir é o mesmo que comprometer, pelo próprio exemplo, aquilo que maior veneração nos deve merecer, isto é, a maior dignidade e a nossa boa reputação no meio social. Infelizmente, muitas são as pessoas de todas as camadas de que se compõe a sociedade para os quais esses preceitos não constituem uma obrigação e dessa forma se mantêm indiferentes aos efeitos de semelhante procedimento. Todas estas considerações, boa amiga, me foram sugeridas pelo facto de eu te ter prometido, na última carta, algumas referências à Caridade, uma vez que anteriormente te falei da Fé e da Esperança, deixando, portanto, incompleto o conceito acerca dessas três sublimes e enternecedoras virtudes. Evidentemente que tu não ignoras o que é o grandioso Apostolado da Caridade nem o quanto o mesmo pode representar em benefícios para a humanidade sofredora. Se a Caridade não existisse, uma parte da população do mundo teria de viver mergulhada na mais confrangedora situação de miséria, segundo as maiores e as mais duras inclemências da vida, sobretudo nos países onde a desigualdade do nível de vida atinge aterradoras proporções entre os respectivos povos. Felizmente, a mão meiga e acalentadora da Caridade leva conforto e alegria a muitíssimos lares e abre as portas de muitíssimas Casas de beneficência a muitos milhares de infelizes. Isso só bastará para que a sua Imagem bendita tenha direito à indiscutível consagração de todas as pessoas que se interessam pelo Amor do próximo. Como vês, a Fé, a Esperança e a Caridade são três virtudes nas quais deve estar integrado o próprio sentimento humano. E tu, minha inolvidável amiga, nunca te esqueças de que a Caridade não consiste, apenas, em dar esmolas ou donativos em benefício dos infelizes, mas também em não concorrer para desilusões ou surprêsas de pessoas de boa fé, qualquer que seja o ambiente que rodeie a situação dessas pessoas, longe ou perto do coração. E aqui tens, por hoje, o que o coração me ditou e a pena escreveu.

1/5/ 1946.

Abraça-te e beija-te a tua muito amiga,

Maria Margarida.

A Conferência do Dr. Bento Caldas

no TEATRO JORDÃO

O nosso distinto conterrâneo Sr. Dr. Bento Caldas, actual Delegado do I. N. de T. e Previdência no Distrito de Viseu, realizou, na passada segunda-feira, 29, no Teatro Jordão, a sua anunciada conferência, a convite do Sindicato N. dos Operários da Indústria Textil, sobre o tema: «*Princípios e Realizações da Organização Corporativa*».

Teve a escutá-lo uma selecta assistência que bastante aplaudiu as palavras do orador.

Presidiu à conferência o Sr. Dr. Henrique Cabral, Governador Civil do Distrito, ladeado pelas seguintes entidades: Dr Henrique Veiga de Macedo, Delegado do I. N. de T. em Braga; Dr. Fernando Manuel de Castro Gonçalves, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães; Dr. Martinho Vaz Pires, Reitor do Liceu de Martins Sarmento; Dr. Pena da Costa, Presidente da Caixa Sindical de Previdência Textil; Dr. Augusto do Rego, Sub-Delegado do I. N. de T.; Adolfo dos Santos Cunha, Presidente do Grémio do Comércio de Braga; Belmiro dos Santos Martins, Presidente do Sindicato N. dos O. da Indústria Textil; José Mendes Ribeiro Júnior, Comandante da L. P.; Casimiro Martins Fernandes, Presidente do Grémio do Comércio de Guimarães; Henrique de Sousa Gomes, Aspirante dos B. Voluntários; Capitão Magalhães Couto, Presidente do Grémio da Lavoura; João Rodrigues Martins da Costa (Aldão), Vereador Municipal; Amadeu Guimarães e Sebastião T. Carvalho, respectivamente Presidente e Tesoureiro do Sindicato N. dos Caixeiros, etc., etc.

Estavam também presentes, no palco, as Direcções de vários Sindicatos Nacionais, com os seus estandartes, etc., etc.

O Sr. Belmiro Martins, Presidente do Sindicato N. dos O. da I. Textil, abriu a sessão com palavras de apreço e agradecimento para o Sr. Dr. Bento Caldas.

Seguiu-se-lhe o Sr. Dr. Veiga de Macedo, Delegado do I. N. de T. em Braga, que frisou a louvável tarefa daquele Sindicato, promovendo a divulgação doutrinal dos princípios da Organização Corporativa, orientação essa que ele, Delegado do Instituto lhe aconselhara. Teve palavras de apreço pela personalidade do ilustre Delegado do Instituto de Trabalho de Viseu, que nessa sessão iria falar da obra da revolução dos trabalhadores portugueses e acabou por desejar ao Sindicato que não se ficasse por aquela prova de interesse cultural e sempre e melhor procure cumprir as palavras que foram seu conselho.

O Sr. Dr. Bento Caldas, recebido com aplausos, saudou os Srs. Governador Cilvil e Delegado do I. N. de T. em Braga, recordando ainda a sua mocidade passada em Guimarães, sua Terra natal e os bons tempos de Coimbra, após o que entrou pròpriamente no assunto da sua conferência: «Princípios e Realizações da Organização Corporativa», sendo escutado com muito interesse.

Em pinceladas rápidas, tratou da nossa tradição corporativa, referindo-se seguidamente à restauração do corporativismo em Portugal. Acentuou a sua feição própria e inconfundível, referindo-se depois às fontes próximas da restauração corporativa, que foi tornada realidade, mercê do movimento militar de 28 de Maio de 1926, cujas características definiu o que alevantadamente preparou e tornou possível o clima necessário à realização de obra construtiva que fortemente caracteriza a nossa Revolução Nacional.

Afirmou, depois, que à indecisão das primeiras horas sucedeu, algum tempo decorrido, a certeza da vitória da Revolução Nacional, atendendo a que lhe foi dado um pensamento condutor, base e guia de todas as reformas operadas nos vários sectores da vida nacional.

E, entrando pròpriamente a ocupar-se dos princípios e das realizações da organização corporativa, falou da Constituição Política, aprovada pelo plebiscito de 10 de Maio de 1933, que declarou o Estado português um Estado Corporativo.

Ocupou-se, depois, do Estatuto do Trabalho Nacional, dizendo que esse notável diploma legislativo traçou as grandes linhas do nosso movimento corporativo, referindo então os seus princípios informadores.

Tratou, em seguida, dos elementos primários da organização corporativa: — Casas do Povo, Sindicatos Nacionais e Grémios, dizendo da sua constituição, do seu funcionamento e da missão que lhes cabe e têm sabido cumprir.

Depois, ocupou-se das características fundamentais da economia corporativa.

Voltando a referir-se ao Estatuto do Trabalho Nacional, socorreu-se de algumas das suas disposições para indicar os princípios fundamentais da nossa organização corporativa, referindo-se, também, a muitas das suas realizações que testemunham segura e fortemente a balisa e a verdade desses princípios.

E, feita larga referência aos princípios e às realizações da organização corporativa que — disse — integram fortemente os trabalhadores portugueses no ritmo da Revolução Nacional, afirmou que estes têm fé nos seus princípios, confiança nos homens que a comandam.

Com entusiasmo, acrescentou:

"E, podem ter fé, e podem ter confiança. As realizações da organização corporativa se, por um lado, plenamente acreditam os seus princípios informadores, por outro asseguram honestamente que o que está feito é garantia segura de mais e de melhor„.

E, sobre este grito de «mais e melhor» bordou uma série de considerações.

A encerrar aquela sessão, o Chefe do Distrito pronunciou algumas palavras, felicitando o Sr. Dr. Bento Caldas pelo seu trabalho de tantos e tão valiosos ensinamentos.

Disse da necessidade de repetir os conceitos e realizações do corporativismo, louvando a bela iniciativa do Sindicato N. dos Operários da Indústria Textil.

Peregrinação a Fátima

Está em organização uma peregrinação à Cova da Iria, em comboio especial a qual se deve realizar nos dias 16 e 17 de Setembro do ano corrente.

A' mesma presidirá o rev. Domingos Gonçalves, realizando-se em Fátima todas as cerimónias habituais das grandes peregrinações.

O transporte será feito em comboio especial até Leiria, com paragem em Coimbra e de Leiria a Fátima, em camionete com paragem no regresso na Batalha.

A organização dos transportes está a cargo do nosso amigo Sr. David dos Santos Oliveira, que durante alguns anos exerceu as funções de Chefe da estação desta cidade e actualmente na Senhora da Hora a quem podem ser pedidos esclarecimentos.

A inscrição está aberta desde já ao preço de 260$00, em 2.ª classe, e 180$00, em 3.ª, incluindo todos os transportes.

A mesma encerra no dia 1 de Setembro, visto o comboio ser de lotação limitada.

Prestam-se todas as informações na Oficina de S. José.

TIPOGRAFIA

VENDE-SE a de Ponte da Barca. Única na Vila, com boa clientela e ainda com um jornal semanal de grande tiragem.

Aceitam-se propostas.

Cartas a esta Redacção a

TIPOGRAFIA BARQUENSE

PONTE DA BARCA (132

Feliz Aniversário

Colhe hoje mais uma rosa no jardim da sua existência o Ex.mo Senhor LUIS RIBEIRO LOUREIRO pelo que os seus Amigos que muito o admiram o vêm felicitar desejando-lhe que esta data se repita por muitos anos.

Lage, J. Carvalho, Neca e Pereira.

UM CONTO POR MÊS

A NOTA DE MIL ESCUDOS

Por ISAURA CORREIA SANTOS.

A poucos quilómetros de Valamonte, numa casinha alvejante e de ramo de pinheiro à porta, habitava o tio Gromicho, casado com a tia Rita Vintém — que fôra uma bela cachopa das redondezas e hábil bailadora das «saias». ¡Que saudades ela tinha dos tempos em que as dançava cantando:

«Estas é que são as saias,
Estas mesmas, é que são;
Bem cantadas e balhadas,
Batidas do coração!»

Ambos estavam na fase outonal da vida. Davam-se bem e governavam-se menos mal vendendo copos de vinho, aguardente, assim como alguns petiscos também. Pena era que os poucos caminheiros que por ali passavam não amassem deus Baco mais de rijo... Mas, enfim, lá iam vivendo melhor do que o Chico Balaco e outros do seu tempo.

Todas as noites, à hora de se deitar, o tio Gromicho ia àvidamente buscar as suas economias (escondidas num saquinho e dentro do travesseiro) e contava as notas com um olhar esbugalhado, os lábios úmidos de prazer, e as mãos tão trémulas como irrequietas.

Cem... duzentos... mais duas de cinquenta... e uma de quinhentos — tão linda! —, somavam oitocentos mil réis! Mas havia de amealhar muito mais — olá se havia! Quanto tinha na gaveta, em moedas? Não, ainda não chegava a cem.

Quando tal acontecesse, trocaria esses miúdos por uma notinha, na loja do Mané da Mata — onde havia sempre tanta falha de trocos.

E todas as noites, depois de contar as suas economias, olhava o que só ele via e murmurava, com voz de gozo e de esperança:

...«sim, hei-de mercar uma vaca leiteira... vendo o leite... os bezerros... e óspois merco uma horta. E atão, a minha filha nã há-de ter preciso de servir por mais tempo no monte do Zé Garrocho».

Sorria, de modo estranho e enlevado, e repetia:

«...A vaca... o leite... os bezerros... a horta...»

E assim se deitava, após esconder, de novo, a sua pequena fortuna. Adormecia e sonhava — o seu sonho de sempre!

Uma noite chegou em que a conta foi mais fácil de fazer. Tinha duas notas, uma de cem, outra de mil escudos.

«Um conto de réis!» — exclamou o tio Gromicho acariciando aquele pedaço de papel que para si era luz, era vida. E numa voz pausada, cantante, tremida, repetia:

...«A vaca... o leite... os bezerros... a horta...»

Tudo isto se lhe afigurava ante os olhos abertos e brilhantes, onde não passava um pestanejo sequer.

No dia seguinte, levantou-se cedo. Agarrou na merenda, pôs uma enxada ao ombro e disse à mulher:

«A chuva abrandou e, portanto, cá vou amanhar a terra que o lavrador da Biquinha disse emprestar-me por anos se a fizer dar q'alquer cosa que dê dinhero.

Se aparecer por aí o Carracinha, dá-lhe os cem mil réis dos cascos que lhe devemos.

...Desse modo, só ficamos com uma nota de conto».

E, uma vez mais, com brilho de ambição nos olhos e tremura de quimera nos lábios, murmurou entre dentes:

«...A vaca... o leite... os bezerros... a horta...»

E partiu para a sua faina.

A tia Rita, por seu lado, pegou logo no pincel e começou a caiar a casa por fora — para, seguidamente, a caiar por dentro.

Há um mês e meio — ¡Que vergonhoso desleixo! — que a não caiava. E queria tê-la sempre mais alvejante do que a da Josefa da Barreta. Isto jurara a si mesmo, quando uma vez lhe disseram que a Josefa era a melhor caiadeira e a mais esmerada daqueles sítios.

O pincel andava ligeiro e metódico dum lado para o outro, mas, de quando em vez, batiam no balcão e a tia Rita tinha que o largar a-fim-de encher um ou mais copos. Naquele dia, a estrada estava mais concorrida — devido à feira de Cabeço de Vide. Em dado momento, chegou o Carracinha para receber a dívida. E a tia Rita Vintém, que se orgulhava de ser de boas contas, pousou depressa o pincel e foi ao «pèsinho de meia» buscar a nota de que o marido lhe falara.

Qual delas era?

...Sim, ela bem sabia. Dobrou-a e, com um suspiro, entregou a ao Carracinha.

E como ele tinha a gentileza de lhes vender a prazo — ofereceu-lhes um cálice de vinho abafado.

Após breves palavras, o Carracinha partiu e a tia Rita voltou a fazer bailar o pincel com a vivacidade com que noutros tempos fazia bailar as saias...

Fez-se noite. Caía chuva, miudinha, enfadonha, e o tio Gromicho largou o trabalho e pôs-se a caminho de casa. Ia cansado, cheio de terra, de suor e de água. Levava o busto, já de si falciforme, mais curvado do que habitualmente, e os olhos embaciados e fixos na estrada lamacenta e sinuosa.

Súbito, adregou passar por ele uma vaca malhada. O tio Gromicho parou e olhou-a tão embevecido como que Júpiter teria olhado Europa — a formosa irmã de Caduso, que o caprichoso deus dos deuses transformou em touro!

Os seus olhos iluminaram-se, o busto endireitou-se um pouco, os lábios estremeceram e deram saída ao estribilho:

«...A vaca... o leite... os bezerros... a horta...»

E ficou a olhar aquela tentadora vaquinha — até que se perdeu de vista entre sobreiros e carvalhos. Por fim, embrenhou-se em meditações e seguiu o seu caminho. Chegou a casa. Ceou, conversou um pouco com a mulher e contou os cobres da gaveta.

Em seguida, foi ver o seu «tesouro» para, finalmente, se deitar.

Sim, ele sabia que só lá tinha uma nota — ¡mas queria vê-la, apalpá-la, e visionar, outra vez, o que ela lhe viria a dar!

Desapertou o travesseiro, alvo como as paredes, e tirou dele o tal saquinho... As suas mãos, tostadas e calejosas, convulsionaram-se ao ter contacto com aquele pedaço de papel — de capital importância na vida do tio Gromicho!

Mas... quê? Seria possível?

Aproximou-se mais da candeia, que bruxuleava como o resto do brazido da lareira. Oh, céus! — aquela não era a nota de mil escudos, mas sim a de cem! Fez-se lívido. Teve suores frios e os cabelos, crespos, ergueram-se-lhe como se tivesse visto um hediondo fantasma. Com uma voz aflitiva, gritou à mulher:

«Que fizeste, desgraçada?»

«...Que havia de fazer?! Paguei ao Carracinha...»

«...Com um conto de reis, minha parva, em vez de lhe pagares com cem. Estamos perdidos, desgraçados, e por tua culpa!!!»

Nos olhos do tio Gromicho reluziam lágrimas, desespêro e ansiedade. A tia Rita choramingava e implorava a protecção do Senhor da Piedade. Entre soluços, disse ao marido que o Carracinha tinha ido para Cabeço de Vide onde seria fácil encontrá-lo, na feira.

A inquietação e raiva do tio Gromicho apaziguaram-se um pouco ante um facho de esperança.

«O quê? Que dizes tu? Foi para Cabeço de Vide?» — e, a cambalear, como que embriagado, saiu e caminhou na escuridão, debaixo de chuva, estrada adeante, com nervosismo igual ao duma criança que tenta reconstruír um fortim de areia que uma onda abalou.

O caminho era tão longo! a noite tão tenebrosa! Andou horas e, por fim, as pernas, alquebradas, recusaram a prosseguir na caminhada. Sentou-se ao pé duma secular oliveira que, a-pesar-do tronco carcomido, prometia muito fruto. Mas que importava isso ao tio Gromicho?!

Pouco descansou. Num misto de dor e desespero, repetiu roucamente:

«...A vaca... o leite... os bezerros... a horta...»

Reanimou-se e recomeçou a andar. Estava molhado até aos ossos. Se ao menos o Carracinha estivesse em Cabeço de Vide e não lhe recusasse a nota!

Mas... quase não tinha esperanças. Fez uma nova paragem.

Oh, aquelas malditas pernas! — praguejava. Caminhou de novo.

Voltou a parar. As forças falhavam-lhe por completo.

Sentou-se e adormeceu a murmurar:

«...A vaca... o lei...te... os... be...ze...»

Teve pesadelos. Quando acordou, tinha o rosto lívido, o cabelo desgrenhado e os olhos dilatados e brilhantes.

As pernas tremiam-lhe fortemente. Não, não lhe era possível terminar a viagem a pé.

Deu uma gargalhada esquisita, impressionante, e gaguejou:

...«A va...ca... o... lei...te... os... be...zer...ros... a... hor... ta...»

«Le...ve-me... a Ca...be...ço de... Vi...de!» — implorou ao carreiro. Este compadecido e receoso, fez-lhe a vontade. E algum tempo depois, chegaram à vila que para o tio Gromicho era o que para Moisés era a Terra da Promissão.

«A...gra...de...ci...do!» — disse ao carreiro que o ajudou a descer do carro com o mesmo carinho com que o ajudara a subir.

Trèmulamente, a fazer zig-zags, cortou por esta e aquela rua à procura do Carracinha.

Encontrou-o, finalmente, num estabelecimento da vila. Abriu os braços, numa ansiedade dantesca, e exclamou: «Cá está ele! Cá es...tá... ele!»

O negociante, ao vê-lo, disse-lhe bem alto:

«Já sei o que quere. Tome lá a sua nota... só quero o que é meu! Tanto se enganou a sua mulher, como eu, tio Gromicho.»

E este, ao ouvir tais palavras, abriu desmesuradamente os olhos, brilhantes, estranhos, e quentes como sois caniculares. Pegou na nota, com mãos ávidas e sacudidas por vendaval interior. Olhou-a extàticamente e, entretanto, tombou sobre ela uma baba espumosa que lhe escorria da boca.

Os lábios, pálidos como as faces, entreabriram-se num sorriso tétrico e, de modo enlevado mas sumido, repetiram:

«A... va...ca... o... lei...te... os...» — e caíu redondamente no chão!

FUTEBOL

VITÓRIA, 1. OLIVEIRENSE, 0.

A desabrida inverneira da tarde de domingo passado não convidava à prática do futebol, e, assim, o jogo Vitória-Oliveirense, realizado no campo da «Amorosa», teve reduzida assistência, à qual há que admirar o *estoicismo* de se aguentar debaixo de contínuas cargas de água — especialmente aquela que se encontrava no peão. Mas o sacrifício feito não foi compensado, e isto porque a partida não teve — nem podia ter, dado o deplorável estado do terreno — nada que a recomendasse, à excepção, claro está, do generoso esforço despendido pelos jogadores e do seu verdadeiro espírito de sacrifício para lutarem naquele lamaçal e suportarem as pesadas cordas de água que caíram.

E assim a partida não teve história. Não se jogou futebol — pontapeou-se a bola de qualquer jeito, pois a lama impunha-se à vontade dos jogadores, gorando-lhes os intentos e vencendo-lhes as forças. E se algumas vezes, como se viu, da parte do Vitória apareceram resquícios de esquemas comprovativos de uma equipe que sabe o que quer, os mesmos depressa se desfaziam pelas dificuldades opostas pelo terreno — dificuldades de tal ordem que nos levaram ao justo convencimento de que, no fim da primeira parte, o árbitro suspenderia o jogo.

Porém, assim não aconteceu e os 90 minutos chegaram como o fim dum pesadelo para jogadores e assistentes.

O triunfo do Vitória foi escasso e, mesmo assim, demandou enorme esforço para se obter. Chegou a confranger-nos o estado de visível cansaço de certos jogadores.

Francamente, em tais circunstâncias não devia permitir-se a prática deste desporto violento.

A primeira parte terminou sem tentos, tendo o Vitória, que alinhou sem Alcino, perdido o concurso de Brioso, aos 25 minutos, por se ter lesionado ao tentar mandar às redes uma bola a que o guardião visitante se opôs.

O único tento registado foi da autoria de Alexandre, aos 18 minutos da segunda parte. Proveio de um canto, bem apontado por Arlindo, e que o mesmo Alexandre, numa jogada de esforço pessoal, fizera ceder à defesa adversária.

Depois da obtenção deste tento o Vitória, só com dez homens, e dado o esgotamento de alguns deles, adoptou a táctica defensiva, o que permitiu ao adversário, de boa aparência física, usufruír de vantagem territorial por bom período de tempo. Mas verificado o erro em que estavam a incorrer, os donos do terreno voltaram ao ataque e beneficiaram então de uma grande penalidade, que Garcia, encarregado de a transformar, desperdiçou por chutar à figura do guarda-redes.

O Oliveirense, que se mostrou seguro na defesa, deve ao tempo que fez o magnífico resultado que obteve. Pelo pouco que pudemos apreciar, ficámos com a convicção de que em terreno enxuto a sua sorte teria sido bem outra.

A defesa e a meia defesa do Vitória souberam manter-se à altura das circunstâncias.

A arbitragem de César de Jesus, do Porto, dadas as dificuldades que teve de vencer, pode considerar-se boa.

J. Gualberto de Freitas.

CHAPÉUS PARA SENHORA E CRIANÇA

Abertura da Estação de Verão

137

ROSA PEREIRA REBELO

RUA DE S. DAMASO, 89

TELEF., 4426 • GUIMARÃES

PROPRIEDADES NO BRASIL

DIVIDA INTERNA BRASILEIRA

TITULOS DE CRÉDITO BRASILEIROS

O BANCO NACIONAL ULTRAMARINO, pelas suas Filiais de S. PAULO, RIO DE JANEIRO, PERNAMBUCO, PARÁ E MANAUS, encarrega-se da administração de propriedades, guarda, compra e venda de valores, cobrança e transferências de rendimentos. 129

Grandiosa manifestação de Fé em honra de Nossa Senhora de Fátima

Em virtude da impossibilidade, para a maioria da população vimaranense, de tomar parte na Peregrinação Nacional a N. S.ª de Fátima, que se venera na Cova da Iria, e assistir à coroação da sua Imagem, vai realizar-se nesta cidade uma grande manifestação de Fé e amor à Mãe e Padroeira dos Portugueses, nos mesmos dias 12 e 13 do corrente, com o seguinte programa:

Dia 12, às 22 horas (10 da noite), sairá uma Procissão de velas da Igreja das Dominicas, paroquial de S. Sebastião, com a Imagem de N. S.ª de Fátima, que ali se venera, percorrendo a rua de Camões, Toural, lado da Igreja de S. Pedro, Rua da Rainha e Senhora da Guia, até à Igreja do Campo da Feira, onde será recolhida até ao dia seguinte. A' chegada haverá alocução.

Dia 13, além das missas que forem celebradas pela manhã, na referida Igreja do Campo da Feira, às 11 horas, será retransmitida para o Largo fronteiro à alocução do Santo Padre Pio XII, que a essa hora falará aos portugueses na nossa língua; 11,30, Missa Campal no mesmo local, sendo em seguida a imagem conduzida novamente em Procissão para a sua Igreja das Domínicas.

Espera-se que todo o povo de Guimarães, que tem grande devoção a Nossa Senhora, tome parte em todas estas manifestações marianas.

Aonde vai? Ao XAVIER comprar umas meias de seda. 129

Festas da Cidade

A Comissão Executiva das Festas da Cidade, que já iniciou os seus trabalhos na passada segunda-feira, como havia sido estabelecido, encontra-se muito satisfeita pela forma como todos os vimaranenses a têm acolhido, numa afirmação de bairrismo que nos apraz registar e louvar.

Estamos convencidos que o bom acolhimento continuará a fazer-se sentir, por parte de toda a gente, para que com tão animadora colaboração a Comissão das Gualterianas possa levar a efeito todos os planos projectados.

Assim o espera aquela Comissão e assim o esperam, igualmente, todos aqueles que anseiam por ver Guimarães mais e mais engrandecida.

SEMPRE UM PASSO EM FRENTE, foi, é e será o lema das SAPATARIAS LUSO. 109

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 7, o nosso prezado amigo e conceituado comerciante sr. José Laranjeiro dos Reis; no dia 9, a senhora D. Maria do Espírito Santo Fernandes e o menino Vitor Manuel, filho do nosso bom amigo e conterrâneo sr. João Pereira de Freitas Pires, residente em Lisboa; no dia 10, os nossos prezados amigos srs. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão, ilustre oficial da Armada; Manuel José Mendes da Costa Guimarães e Matias Faria da Silva, das Taipas; no dia 11, o menino José Torcato, estremecido filho do nosso querido amigo e distinto Poeta sr. Dr. Américo Durão e o nossos bons amigos sr. Amadeu da Costa Carvalho e Luís Gonzaga Pereira; no dia 12, os também nossos amigos srs. P.e António Pires Quesado e Joviano Ramos Camisão.

Notícias de Guimarães *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

Partidas e chegadas

Parte por estes dias para Landim, Famalicão, o nosso prezado amigo e digno Prior da freguesia de S. Paio, Rev. Luís Gonzaga da Fonseca.

— Tem estado entre nós o nosso prezado amigo sr. Herculano Dias Queiroz.

— Deu-nos, há dias, o prazer da sua visita o nosso prezado amigo sr. J. Bastos Monteiro, do Porto, que tem estado em Guimarães em serviço da importante Companhia de Seguros Garantia, *acompanhado pelo sr. António Pedroso, Inspector da mesma Companhia de Seguros.*

— Esteve, há dias, nesta cidade e deu-nos, igualmente, o prazer da sua visita, o nosso bom amigo sr. Aníbal José Veloso, estimado proprietário, de Lisboa.

— Esteve entre nós o nosso prezado amigo e delegado da Revista "Indústria Portuguesa", sr. Júlio Marçal, que nos deu o prazer dos seus cumprimentos.

— Partiu para Lisboa, com sua espôsa, o nosso bom amigo sr. Sebastião Mendes.

— Esteve em Lisboa de onde já regressou, o nosso bom amigo sr. Francisco de Aguiar.

— Com sua esposa regressou à sua Casa das Molianas, desta cidade, o nosso querido Conterrâneo e Amigo sr. Dr. Maximino Pinto de Simães.

— Vimos em Guimarães os nossos prezados amigos e conterrâneos srs. Manuel de Sousa Guise e Arnaldo de Sousa Guise.

— Na próxima terça-feira partirá de Lisboa, por via aérea para Londres, onde vai tratar de assuntos comerciais, o nosso prezado amigo sr. José Teixeira, conceituado industrial da Fábrica de Pentes do Ribeirinho. Desejamos-lhe boa viagem.

Casamentos

Realizou-se no passado dia 21 de Abril, em Lisboa, no Mosteiro dos Jerónimos, o casamento do Sr. Werter Manuel Mateus de Pina e da senhora D. Maria do Carmo Mateus de Pina, com a gentil menina Emília de Oliveira Pires, filha do Sr. José Pires (ausente nos Estados Unidos da América) e da senhora D. Deolinda de Oliveira Pires. Apadrinharam o acto por parte do noivo o sr. Mário Jorge Helder Sá Chaves e esposa a Senhora D. Aida Couceiro da Costa Castelo Branco Adrião Sá Chaves e por parte da noiva o Sr. Dr. Jorge Emanuel Elder Adrião Sá Chaves e a menina Maria do Céu Mateus de Pina, irmã do noivo. Foi celebrante o Missionário Rev.º Monsenhor Manuel Boavida.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

— No dia 25 de Abril e no Santuário de S. Torcato, consorciaram-se o nosso prezado amigo sr. Fernando Ribeiro da Costa Rodrigues Figueiredo, filho da sr.ª D. Isaura de Jesus da Costa Rodrigues Figueiredo e do sr. Acácio Ribeiro da Silva Figueiredo, já falecido, com a sr.ª D. Isabel Maria Guise Pinheiro, gentil filha da sr.ª D. Tereza de Jesus Guise Pinheiro e do saudoso vimaranense sr. Tenente Mário Pinheiro.

Paraninfaram o acto, por parte do noivo seus tios o nosso prezado amigo e importante industrial sr. Antero H. da Silva e sua Espôsa a sr.ª D. Esmeralda Augusta Figueiredo da Silva, e por parte da noiva o conceituado industrial e nosso prezado amigo sr. Francisco Ribeiro Pinto e sua espôsa a sr.ª D. Maria Augusta Ribeiro Pinto.

Foi celebrante o ilustrado Arcipreste rev. João da Cruz Magro.

Após a cerimónio religiosa foi servido aos noivos um delicado Copo d'Agua, na casa de "Vila Maria Claro", propriedade das Sr.as D. Maria Ribeiro dos Santos e D. Adelaide Ribeiro Martins, amigas íntimas da noiva, seguindo os nubentes em viagem de núpcias para a Beira Alta.

Aos noivos que são possuidores de excelentes qualidades e de primorosa educação e pertencem a duas famílias muito respeitáveis, desejamos as maiores felicidades, de que são bem dignos.

Pedido de casamento

Pelo importante industrial e nosso bom amigo sr. J. S. Marques Rodrigues, do Pevidém, e sua esposa a senhora D. Laurinda da Costa Cardoso, foi pedida em casamento, para seu filho o sr. José Cardoso Rodrigues, a mão da gentil senhora D. Georgina Lago e Costa, filha do distinto médico sr. Dr. Abílio de Deus Pereira Lago e Costa e de sua esposa a senhora D. Ana Rosa Ribeiro Lago e Costa, da cidade de Braga, devendo realizar-se dentro em muito breve o auspicioso enlace.

Aos noivos, que pertencem a duas respeitáveis famílias, desde já desejamos as maiores venturas.

Nascimentos

Teve a sua délivrance, *dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do sr. Dr. Artur Merlin Nobre, digno Chefe da Secretaria da Câmara Municipal. Mãe e filha estão bem. Parabéns.*

— Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso bom amigo sr. João da Silva Martinho. Parabéns.

NÃO ADMIRA... é a evolução. Hoje o XAVIER vende de tudo, tanto para homem como senhora. 124

Não há melhor nem maior, porque se isso fosse possível melhor e maior sortido as SAPATARIAS LUSO apresentavam. 107

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

José Francisco Gonçalves Guimarães

Após cruciantes sofrimentos e confortado com todos os sacramentos da S. M Igreja, finou se, na quinta-feira à tarde, contando 77 anos de idade, o Sr. José Francisco Gonçalves Guimarães, proprietário, casado com a Sr.ª D. Josefina Cândida Martins Ferreira Gonçalves Guimarães; pai das Sr.as D Rosa Cândida Martins Ferreira Gonçalves e Freitas, casada com o nosso prezado amigo e conceituado comerciante Sr. Pedro da Silva Freitas e D. Amélia Cristina Ferreira Gonçalves Guimarães Gomes Ribeiro, casada com o Sr Joaquim Alfredo dos Santos Gomes Ribeiro, industrial no Porto; cunhado do nosso prezado amigo e distinto Oficial do Exército Sr. Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira e tio afim do também nosso bom amigo e distinto clínico Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira.

O extinto encontrava se doente há já alguns meses, tendo sido empregados todos os esforços, pela medicina, para o salvar.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, efectuou se ontem, às 11 horas, no templo da Misericórdia, perante numerosa e seleta assistência, entre a qual se viam as mesas da V. O. T. de S. Domingos de que o extinto fez parte e da Irmandade da Penha, assim como muitas pessoas das relações do extinto e da família dorida.

O cadáver foi removido, após os actos fúnebres e com grande acompanhamento, para o Cemitério de Atouguia, onde ficou inhumado em jazigo de família.

Fechou o caixão o Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, sobrinho do extinto.

A toda a f mília dorida, apresentamos sentidas condolências.

O nosso Director representou no funeral o Sr. Camendador Alberto Pimenta Machado.

D. Margarida Ferreira Martins

Em casa de seu filho, o nosso prezado amigo e conceituado comerciante Sr. Manuel Caetano Martins, ao Largo Prior do Crato, finou-se, com 86 anos de idade, a Sr.ª D. Margarida Ferreira Martins, natural da cidade do Porto.

A bondosa senhora era sogra da Sr.ª D. Alcinda Ferreira Martins e avó da Sr.ª D. Marília Ferreira Martins e dos nossos prezados amigos Srs. Alcindo Ferreira Martins, José Ferreira Martins, Henrique Ferreira Martins e Jaime Ferreira Martins.

O seu funeral efectuou se ontem de manhã, para o Cemitério de Atouguia, em cuja capela foram rezados os responsos por sua alma.

No préstito fúnebre incorporaram-se bastantes pessoas das relações da família dorida à qual apresentamos as nossas sentidas condolências.

O nosso Director representou no funeral o Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

José Maria de Campos

Na sua residência, à Rua Dr. Avelino Germano, finou-se, repentinamente, no passado domingo, o antigo industrial de calçado Sr. José Maria de Campos, casado, pai da Sr.ª D. Celeste das Dores Ferraz, esposa do nosso bom amigo Sr. João de Passos Ferraz, estimado desportista, e tio da Sr.ª D Palmira Martins Ferreira.

O seu funeral efectuou se na segunda feira, com numeroso acompanhamento, para o Cemitério de Atouguia.

Ao Sr. João de Passos Ferraz e a sua esposa, assim como à restante família dorida apresentamos sentidas condolências.

António José Barroso Basto

Na terça-feira de manhã, finou se, repentinamente, na sua residência, ao Largo 13 de Fevereiro, o Sr. António José Barroso Basto, sargento-ajudante reformado, de 69 anos, natural de Cabeceiras de Basto, casado com a Sr.ª D. Ana da Costa Barroso, pai dos Srs. Alberto e António da Costa Barroso e das Sr.as D. Maria do Céu e D. Amelia da Conceição da Costa Barroso e D. Emília da Costa Barroso Santos, casada com o nosso amigo Sr. A. Mário Martins dos Santos, guarda livros da casa Tavares Júnior, Ld.ª, do Porto.

O extinto vivia em Guimarães há bastantes anos, tendo feito parte do Regimento de Infantaria 20 e contava muitas simpatias no nosso meio.

O seu funeral efectuou se na quarta-feira, às 17 horas, da residência do extinto para o Cemitério de Atouguia, tendo se incorporado no préstito bastantes pessoas das relações do extinto e da família dorida, à qual endereçamos as nossas condolências.

Em sinal de luto, esteve a meia haste a bandeira na sede da Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Abel de Oliveira

Na sua residência, à Rua de D. João I, finou-se o Sr. Abel de Oliveira, casado com a Sr.ª D. Maria das Dores Costa Raínha de Oliveira e cunhado do nosso prezado amigo e conceituado industrial Sr. Manuel Vaz a quem, assim como à restante familia dorida, apresentamos condolências.

O funeral efectuou se na segunda-feira à tarde, com numeroso acompanhamento, para o Cemitério de Atouguia.

E' de agrado certo uma camisa "Diva". Vende-a o XAVIER. 123

Os quase 20 anos de venda de calçado, dão às SAPATARIAS LUSO a preferência dos seus Clientes. 111

Calçado em Camurça branca e pelarias finas, últimas criações, à venda na SAPATARIA LUSO. 99

CARROÇA e ARREIOS

3.000$00

VENDE-SE EM BRAGA

TRATAR: **Mário Sampaio** Guimarães.

Teatro Jordão — HOJE, às 15 e às 21 ½ h.

Um filme biográfico

verdadeiramente maravilhoso.

Quarta-feira, 8, às 21 ½ horas:

ELA E OS SEUS MILHÕES

com LARAINE DAY e ALAN MARSHALL.

Comédia elegante, divertida e muito luxuosa.

Sexta-feira, 10, às 21 ½ horas:

A ODISSEIA DO PORTA-AVIÕES X

com DANA ANDREWS ~ DON AMECHE ~ WILLIAM EYTHE.

Um documentário extraordinário que é uma maravilhosa aventura.

ROYAL

A máquina de escrever n.º 1 do Mundo

Chegou a primeira remessa a Guimarães.

Em exposição no estabelecimento de

João Gualdino Pereira, Sucrs.

Agentes e Distribuidores

que lembram aos Ex.mos clientes a vantagem de dar as suas encomendas para a nova distribuição.

Senhores fabricantes

DUPLIQUEM OS VOSSOS LUCROS

dedicando-se ùnicamente à fabricação e confiando a colocação dos vossos produtos, a uma firma que, como

Betel, L.da--apartado 527--LISBOA

dispõe de uma perfeita organização para tal fim.

Escreva-nos hoje mesmo, para que lhe demonstremos a verdade desta afirmação. 135

Informa A. Monteiro Duarte — Caldas da Rainha

Não mande; vá pessoalmente ver para melhor confronto, o sortido das SAPATARIAS LUSO. 108

ACREDITE... que na Rua de Paio Galvão há uma casa que de facto lhe apresenta um sortido de meias. E' no XAVIER. 122

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henrique Gomes, à Rua da República.

Botas e sapatos em atanado branco para criança. Todos os tamanhos. SAPATARIA LUSO. 103

Vida Católica

Mês de Maria — Na Basílica de S. Pedro, estão a realizar-se os piedosos exercícios do mês de Maria, às 19 horas.

Horário de missas — Na capela dos Padres Redentoristas, à Rua de Santa Luzia, celebram se missas: à semana, às 6,30 e 9 horas; ao domingo, às 6,30, 8, 9 e 10 horas

KALADON?

ANEL DE OURO

ACHOU-SE na antiga Rua dos Palheiros (Avenida Duarte Pacheco) e entrega-se a quem provar pertencer-lhe. Falar com António de Oliveira — Campo do Salvador — Guimarães. (136

Calçado em lona com piso de borracha em todos os tipos de fabrico. SAPATARIA LUSO. 100

DO MEU CANHENHO

A' volta dum Almanaque

Por ocasião das últimas Férias do Natal, minha filha mais velha trouxe-me, de Moreira de Cónegos, aí de Guimarães, povoação onde exerce o seu mais que modesto mister, o *Almaque Popular do Minho*, para 1946, edição do Círculo Católico de Operários (L. O. C.) com sede no Salão Recreativo, da cidade de Braga, para que eu, logo que pudesse, lesse e apreciasse um artigo mais que laudatório ao torrão que a ambos havia servido de berço — Ponte de Lima.

Não procedi logo a tal leitura, porque, de momento, outras aguardavam a sua vez e é dos meus hábitos não fazer esperar ninguém, quer se trate de pessoas, quer de livros. Uma manhã destas, porém, dei-me a essa tarefa. A páginas 87, do volume em questão, lá encontrei o artigo apontado, não estranhando que José Gonçalves da Silva, o seu autor, ao terrenho natal dedicasse o melhor dos entusiasmos, pois é velha pecha de todos nós, limianos, velhos e novos, pôr, nos cocurutos da Lua, as belezas sem parelha da secular *Forum Limicorum* dos romanos.

Igualmente, apreciei o escrito do mesmo autor, sobre Viana do Castelo, inserto a páginas 71, do mesmo Almanaque, felicitando-o pelo seu excelente bairrismo e dedicado amor pátrio e, ainda, por iniciar, a cova na mesma vinha em que venho cavando, há perto de meio século.

Data um dos seus artigos — o referente a Ponte de Lima — da freguesia de Fontão, pertencente ao mesmo concelho limiano, a entroncar com o de Lanheses, integrado já no de Viana do Castelo. Ora, em *Do meu canhenho*, há já bastante tempo, que uma velha rubrica se ostenta, dest'arte rotulada: "o caso de Fontão.„ Chegou, pois, o ensejo.

Aí por 1902, há quarenta e quatro anos, eu não era ainda professor, mas sim um modesto aspirante a tal sacerdócio. Corriam na minha terra natal os primeiros exames primários do 1.º grau, instituídos pelo decreto referendado por Hintze Ribeiro, chefe do histórico Partido Regenerador, dizendo-se, todavia, à puridade, engenhados pelo seu director geral, Abel de Andrade. Como se tratava de coisa nova, não eram poucas as *cólicas* dos examinandos, e também dos mestres, quer do ensino oficial quer do particular. Eu andava por ali à prática, conhecia de vista e de tradição vários dos membros do juri, que, mais tarde, teria como colegas no magistério oficial.

Num dos intervalos, ou antes, durante uma das provas escritas, dum dia qualquer, abeirei-me dum grupo de mestres, com quem entabulei um pouco de conversa. Fazia parte da momentânea tertúlia um professor de ensino particular, que exercia o seu espinhoso mister, naquela freguesia de Fontão. A seu pedido, fui-lhe apresentado, por um amigo comum, como um futuro mestre, portador de virtudes e qualidades que eu nunca tinha dado por elas. O homem é que não esteve com meias medidas. Como me havia visto sempre com mestres e diversos membros de juri, toca a meter-me como *cartola*, para proteger os seus quatro pequenos, prestes a submeter-se às então rudes provas de exame. Tranquilizei-o ao máximo, assegurando-lhe a simplicidade dos novos moldes dados aos julgamentos e a benevolência em extremo de todos os membros do juri.

Pu-lo à vontade, quando acabei por dizer-lhe, à boca pequena:

— "Tem assistido às várias provas efectuadas, quer escritas, quer orais. Igualmente, tem escutado o excelente resultado que os candidatos vêm continuamente auferindo. De-certo, os miudos não ignoram o *minimum* dos conhecimentos indispensáveis aos novos exames — o clássico ler, escrever e contar.„ Os assistentes secundaram as minhas considerações; mas o meu interlocutor é que não esteve pelos ajustes, pois, destemperadamente, saiu-se-nos com esta, que ainda está ecoando aos meus ouvidos, sem embargo da mais que quarentena já revolvida:

— «Os meus *catraios* são uns alhos! Lêem, como um abade; escrevem como um notário; *e somam e disminoem* como um banqueiro!»

Não sei se José Gonçalves da Silva ainda chegou a conhecer este velho mestre da sua aldeia. O que não foi é seu aluno. Senão, não teria bossa para escrever os dois artigos em causa, pelos quais novamente o felicito, formulando os votos mais ardentes para que não pare, a meio da sua jornada, em proi da sua e minha Ribeira Lima.

Porto, 25-3-946.

António José de Oliveira.

KALADON?

A AUXILIADORA

Empresta capitais ao juro de 5 % sobre propriedades rústicas e 6 e 7 % sobre propriedades urbanas.

Tem para venda Quintas nos concelhos de Guimarães, Braga, Felgueiras, Famalicão, etc.

Rua da Rainha, 70, Telefone 4470 — GUIMARÃES.

F. Club de Vizela

E' sempre tarefa grata prestar Homenagem a quem bem a merece, resultando em satisfação de um dever cumprido, se nessa homenagem pudermos com elevado espírito de justiça e de verdade, premiar o mérito e as qualidades daquele ou daqueles a quem é devida uma consagração.

Assim o compreendemos e sentimos ao ter de nos referirmos com todo o louvor e entusiasmo à Festa de Confraternização Desportiva, realizada no último domingo em Vizela, promovida pelo Futebol Club de Vizela, com a presença de um Delegado da Associação de Futebol Distrital, e alguns convidados de Honra como seja um Director do Vitória Sport Club, registando o "Notícias de Guimarães„ o cativante convite que lhe foi endereçado pela Digníssima Direcção de tão simpática instituição.

A despeito da inclemência do tempo, um dia de rigoroso inverno, a festa do Futebol Club de Vizela teve relevo e resultou, em tudo, uma grande afirmação de valor e de prestígio para o desporto, vincando bem a certeza de que o valoroso Club se propõe realizar naquela encantadora região uma Obra de Mérito, abrigando sob a sua Bandeira todos os Vizelenses de Boa Vontade e que vêem no Club da Terra um elemento de Vida e Progresso de Vizela. Esta impressão colhida em tudo que nos foi permitido ver, e do muito que se deve deduzir em afirmações claras e positivas, que não admitem dúvidas, pela franqueza e sinceridade que revestiam, pode encontrar melhor significado nas palavras que ouvimos ao Digno Delegado da Associação de Futebol de Braga: "Dificilmente se me apagará do meu espírito, a impressão de agrado e intima satisfação, por ter assistido e presidido a uma festa de tanta elevação e de tão alto espírito desportivo como a que acabamos de assistir„.

Dada a categoria da pessoa que assim se exprimiu, já fora da presença dos dirigentes do Club portanto sem a preocupação de cumprimentos protocolares, julgamos que teremos cumprido bem a nossa missão jornalística, traduzindo deste modo quanto nos é muito grato registar como homenagem à Digna Direcção do Futebol Club de Vizela, a que preside o nosso bom amigo Sr. Francisco Armindo Pereira da Costa, que é, sem favor, a alma do desporto naquela Vila, animando pelo seu exemplo e abnegação a prática do Futebol em Vizela e procurando manter o seu Club ao nível das entidades mais progressivas.

Notas de Reportagem

A chegada das Entidades Superiores do Futebol e Delegado da Direcção Geral dos Desportos, marcada para as 11,30, foi anunciada com morteiros.

Após os cumprimentos, reuniram-se os convidados num almoço íntimo, primorosamente servido no Hotel Universal da encantadora Estância de Turismo.

Presidiu o senhor Fernando Moura Machado, Director-Secretário da Associação de Futebol de Braga, em representação do mesmo Organismo e do Sr. Presidente Eng.º Cruz e Silva, e também do Sr. Dr. Teófilo Esquível, Delegado Distrital da Direcção Geral dos Desportos, ladeado pelos senhores Francisco Ribeiro de Castro, Digno Director-Tesoureiro do Vitória Sport Club, e Sr. Ribeiro Novo, de Barcelos, o árbitro do jogo que ali se ia realizar no Campo "Agostinho de Lima„ para a final da zona do Campeonato Distrital da 2.ª Divisão, entre o Futebol Club de Vizela e o Club Desportivo Celoricense.

Indistintamente sentavam-se os outros convidados, em número de cinquenta, entre os quais se encontrava um representante do nosso jornal, por ausência do seu Director; o Sr. José Luís de Almeida, pela Sociedade Filarmónica Vizelense; Chefe Pinto e mais dois graduados, da Benemérita Corporação dos Bombeiros, devidamente uniformizados, direcção do Club, treinador Sr. António Silva (Vitorino), Capitão da Equipa, Sr. Acácio Mendes e outras pessoas, tendo faltado algumas outras de representação por causa do mau tempo.

Num ambiente de franca satisfação serviu-se um almoço que, como já afirmamos foi primoroso e abundante, honrando as tradições do Hotel Universal.

Aos brindes, falou o digno Presidente do Club, Sr. Francisco Armindo P. da Costa, que apresentou cumprimentos ao digno representante da Associação de Futebol, Sr. Moura Machado, tendo-lhe respondido este Sr. num eloquente brinde ao futuro do Club de Vizela, que ali estava empreendendo uma fase nova de desportivismo, procurando congraçar no mesmo espírito de lealdade e camaradagem todos os Clubes filiados na Associação. O Sr. Francisco Ribeiro de Castro, levou o abraço do Vitória de Guimarães, como a primeira manifestação de simpatia e adesão à Causa do Desporto Nacional. O nosso representante agradeceu as honras do convite e elogiou o espírito desportista do Club de Vizela.

Tendo feito uso da palavra o Sr. José Luís de Almeida, em nome da Sociedade Filarmónica Vizelense, como antigo Presidente do Club, congratulou-se com o êxito da festa, pelo que felicitou a Direcção actual, encerrando os brindes o Sr. Francisco Costa, com palavras de muita gratidão por todos que se associaram a tão linda festa.

Devido ao péssimo estado do tempo não se realizaram alguns números do programa, como seja a romagem ao cemitério, inauguração das bancadas, tendo o jogo sido adiado, por impraticabilidade do terreno.

Foi inaugurada uma placa de Homenagem ao falecido desportista Agostinho Lima, presidindo à cerimónia o Dr. António Pinto, médico do Club, tendo feito o descerramento uma gentil creança, filho do homenageado. A assistência manifestou-se com palmas, sendo a creança muito acarinhada.

A' noite, efectuou-se um jantar de confraternização entre os jogadores do Club, com a assistência de toda a Direcção, que teve lugar na Pensão Termas e em que houve muita animação.

O jogo vai realizar-se no próximo domingo.

AVISO

Recenseamento Eleitoral

Francisco Assis Pereira Mendes, Presidente da Comissão do Recenseamento Eleitoral neste Concelho de Guimarães:

Faço saber que, de 1 a 10 de Maio próximo se acha patente na Secretaria da Câmara Municipal deste mesmo Concelho, para efeitos de reclamação, o Recenseamento dos eleitores da Assembleia Nacional e do Presidente da República, organizado nos termos do Decreto n.º 35.426, de 31 de Dezembro de 1945.

Para conhecimento de todos os interessados e em cumprimento do referido decreto, publico o presente aviso, que faço afixar em todos os lugares públicos do Concelho.

Guimarães, 29 de Abril de 1946. 133

a) *Francisco Assis Pereira Mendes.*

AGRADECIMENTO

A esposa e cunhado do saudoso Abel de Oliveira, cumprem por este meio o dever de agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas das suas relações e amizade que os acompanharam no seu grande desgosto, incorporando-se no funeral ou apresentando-lhes condolências, a todos protestando a sua gratidão.

Guimarães, 3 de Maio-1946.

Maria das Dores Raínha Oliveira.
Manuel Vaz. 134

Notícias de Guimarães n.º 744-5-5-946.

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

DIVÓRCIO

Por sentença deste Juízo, de 8 do corrente mês de Abril, a qual já transitou em julgado, foi decretado definitivamente o divórcio, por motivo de haver a ré abandonado o domicílio conjugal, entre António Baptista Sampaio, empregado comercial, do lugar da Ribeira, freguesia de S. Martinho de Sande, desta comarca, e D. Maria Paz Albite Ribeiro Coelho, ou D. Maria Paz Albite, doméstica, da cidade do Porto, em acção proposta pelo marido.

Guimarães, 24 de Abril de 1946.

O Chefe da 2.ª Secção,

Serafim José Pereira Rodrigues.

Verifiquei. 131

O Juíz 2.º substituto em exercício,

Manuel Bernardino de Araújo Abreu.

Antes de comprar calçado visite as SAPATARIAS LUSO. 106

VIDA CITADINA

Uma cidade não se recomenda, apenas, por suas belezas naturais, plano urbanístico, expansão de comércio e indústria, e franco desenvolvimento de negócios.

Carece de mais alguma coisa, e essa coisa comezinha entra nos hábitos de toda a gente, e é por assim dizer, o índice seguro da mentalidade do seu povo, afirmação concreta dos seus princípios e educação.

Aplaudimos, sem reserva, a bela iniciativa da construção de um Grande Hotel na cidade, que a Imprensa local e os correspondentes dos Diários têm acompanhado com todaa solicitude.

Mas, e a par desse importantíssimo melhoramento, que a boa vontade dos vimaranenses saberá resolver com a cendrado bairrismo, outros se impõem como de igual merecimento para o progresso e desenvolvimento turístico da cidade.

E' preciso sanear a cidade, limpá-la de mazelas que a desfeiam, refrescar os seus prédios, morigerar os costumes, imprimir aos seus aspectos e hábitos um tom de modernismo desempoado e lhano, para que os nossos visitantes colham uma impressão de agrado pela cultura de um povo que quer integrar-se na vida civilizada, acompanhando de perto os povos mais progressivos.

Gostariamos de ver que os habitantes da cidade, em perfeita compreensão de um dever comum se apressassem em mandar limpar as fachadas dos seus prédios, reparar e pintar portas e janelas, caiar os muros, uniformizar no todo e em conjunto o aspecto da cidade, de modo a impressionar agradàvelmente o turista, oferecendo-lhe o atractivo das suas graças e encantos.

Mas não basta ainda o que apontamos e que deve estar no ânimo de toda a gente.

Também é preciso coordenar os costumes e comportamento de certas pessoas, ensinando-lhes, pràticamente, como se devem conduzir em sociedade.

O nosso Largo do Toural é a sala de visitas da cidade. Já se nota ali um ar de embelezamento, que convida a estar.

Estabelecimentos luxuosos e atraentes a que veio dar maior realce uma nova confeitaria, devendo seguir-se-lhe outra de grande projecção para a vida elegante da cidade. De supor é que, se modifique o aspecto doentio dos cafés, modernizando-os e adaptando os à vida moderna. Outrotanto se poderá esperar de algumas pensões, tanto no seu aspecto exterior como no conforto interno.

E a par disto, e sempre com o objectivo de bom saneamento, saiba-se impor o respeito e o recato preciso para coibir abusos que vexam e deprimem uma sociedade.

Por toda a parte se observa uma maior disciplina daquelas pessoas que procuram fazer vida, junto destes estabelecimentos. O engraxate, o cauteleiro, o homem dos jornais, não precisam atropelar-se, gritar e imiscuir-se na intimidade das pessoas para exercer o seu mister.

Nas principais cidades e vilas, sòmente são admitidos nos café e casas de chá e estabelecimentos de modas, os indivíduos de boa compostura, apresentando-se delicadamente à freguesia, guardando o respeito e a consideração devida à sua educação e categoria.

Não é demais que se pretenda obter outrotanto para esta cidade, onde perpassa um sopro de actividade e "bairrismo„ pelo seu progresso e desenvolvimento.

Y.

LUIS XV — O SAPATO DA DISTINÇÃO — Atraentes modelos. Acabamento impecável. Sortido sem confronto. SAPATARIA LUSO. 101

Festa do Trabalho

Os Operários da Fábrica de Covas, pertencente à Família do falecido Sr. Francisco da Silva Areias, querendo prestar condigna homenagem de saudade ao ilustre Morto, que neste dia mantinha o culto pela Festa do Trabalho, proporcionando-lhes um agradável passeio de verdadeira confraternização, mandaram celebrar uma missa por alma do saudoso Patrão e bom Amigo, tendo ido depois em romagem ao cemitério depor flores. A Família associou-se a esta modesta mas carinhosa manifestação de saudade, tendo garantido a mesma folga neste dia aos seus operários, pagando-lhes o dia por inteiro.

Actos como estes merecem todo o relevo, devendo ser um bom estimulo entre a amizade de patrões e operários.

Nas montras das SAPATRIAS LUSO encontra V. Ex.ª o que a Moda estabeleceu para 1946. 105

SANDÁLIA "AMIAL„ — *chamado calçado do diabo.* Ponto de venda: SAPATARIA LUSO. 102

MÁQUINAS

Vendem-se Máquinas JAQUARD, já usadas, 600, 400 e 200 agulhas e 2 máquinas dobadoiras de fiação. Prestam-se esclarecimentos nesta redacção.

Casa Oliveira & Silva, Sucessores

TOURAL • TEL. 4414

127

TECIDOS DE LÃ, SEDA E ALGODÃO

NOVIDADES / MIUDEZAS

Boémia

Pastelaria e Confeitaria

SALA DE CHÁ

Sortido completo em doce fino e popular.

AMENDOAS Nacionais e Estrangeiras (Tipo Francês)

BOLOS ENFEITADOS (Fabrico próprio) garantindo-se a sua qualidade

Todo o Serviço para Casamentos, Baptizados, Copos de Agua, etc.

Visitem V. Ex.as as exposições da **Boémia** *e ficarão satisfeitos.* 72

Telegramas: AMORAS
PORTO e LISBOA

A. J. GONÇALVES DE MORAES, L.DA

Casa Fundada em 1894

DESPACHOS, BARCAGENS, TRANSITOS e AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Sede: R. da Nova Alfândega, 18 — PORTO

Filiais: LEIXÕES — *R. CARVALHO ARAÚJO, 66* — *Telef. 12* **MATOSINHOS**; LISBOA — *R. S PAULO, 26-1.º* — *Telef. 29542 e 21080*

CAMIONAGEM

Transportes de Carga e Mudanças
BARCAGENS e Despachos
AGENTES DE NAVEGAÇÃO

VEDAMELLO

Casa fundada em 1882

RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67

PÔRTO

Telefones 73 e Estado 57 — CORREIO Apartado 12

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA
(REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73

Telefone N.º 4306 — **GUIMARÃES**

Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITÁRIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell„, Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS.